



O testemunho das mulheres atingidas no Jornal *A Sirene*: memória, nostalgia, religiosidade e as formas de resistir

Luísa Campos Batista¹

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Em 1989, a historiadora Michelle Perrot nos apresentou o pensamento: “No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”. Perrot ensaia que, sobre elas, raramente ocorriam verdadeiras pesquisas, apenas a confirmação de um eventual deslocamento para fora das fronteiras reservadas às suas existências. Tendo a relevância do recorte de gênero em mente, este artigo analisa as reportagens do Jornal *A Sirene* em busca das vozes das mulheres atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, que destruiu o subdistrito de Bento Rodrigues em 2015. A partir das metodologias da análise crítica da mídia e da filosofia do testemunho (PIERRON, 2010), lanço luz sobre os acionamentos memorialísticos expressos nas reportagens da *Sirene* para identificar um efeito de verdade proporcionado pela escuta dos testemunhos, carregados de uma face relacional e de uma verdade subjetivamente eficiente.

Palavras-chave: jornal *A Sirene*; rompimento da barragem de Fundão; testemunho; memória; religiosidade.

1. Introdução

Os engenheiros abriram os mapas na nossa frente e explicaram tudo, nos pormenor... tudo com os número, as foto, um tantão delas. E explicaram pra gente os ganhos e os progressos que a usina vai trazer. Vão ter que sacrificar uns tantos, pra beneficiar a maioria. A maioria eu não sei quem são, mas nós é que somos os tantos do sacrifício.

Filme *Narradores de Javé* (2004), de Eliane Caffé

¹ Mestranda em Comunicação no Programa da Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e membro do grupo de pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime). E-mail: luisacamposbatista@gmail.com

A cobertura do rompimento da barragem de Fundão, acontecimento traumático ocorrido em cinco de novembro de 2015, movimentou as mídias nacional e internacional. Considerado o maior desastre socioambiental da história do Brasil², a lama de rejeitos tóxicos dizimou o subdistrito de Bento Rodrigues, distante 35 km da cidade de Mariana (MG) e, seguindo o fluxo do rio Doce, atingiu 36 municípios de Minas Gerais e outros três do Espírito Santo. A grande mídia tradicional organizou distintas estratégias para cobertura do rompimento e de suas consequências, principalmente durante os meses de novembro e dezembro de 2015. Quem estava do outro lado do acontecimento, acompanhando os desdobramentos pela tela da televisão, do celular, no rádio e nas mídias impressas, foi bombardeado por informações sobre as possíveis causas e as tantas consequências do rompimento. Fontes oficiais, como a própria Samarco e a prefeitura de Mariana, e fontes especialistas deram o tom de verificação às notícias. Por outro lado, para um efeito de real (BARTHES, 1984), as narrativas midiáticas recorreram a angulações, estratégias discursivas e, principalmente, às entrevistas com atingidas e atingidos para explorar o duplo movimento do fatídico e do imaginário, emoldurando e provocando certos efeitos de sentido. No momento da cobertura mais urgente, a proposta foi construir um efeito de sentido de sobrevivência ao inacreditável, à uma “cena de filme”, à destruição do “mar de lama”, expressões adotadas na construção das narrativas da mídia tradicional. Na cobertura do urgente, o testemunho sobre como os moradores de Bento Rodrigues fugiram da lama e sobre terem sido espectadores do potencial de destruição dos rejeitos, que dizimaram escolas, casas, plantações e criações de animais, foi exibido quase que em *looping* nos telejornais brasileiros e muito compartilhado nas redes sociais.

Diante deste cenário, e tendo como base a proposição de Michelle Perrot (1989) a respeito da invisibilidade histórica que as mulheres são impostas, principalmente as mulheres do campo, a proposta deste artigo é lançar luz sobre o testemunho das sobreviventes ao rompimento de Fundão. Entendo que os testemunhos são capazes de nos

² Em janeiro de 2019, o rompimento da barragem do Córrego do Feijão vitimou 259 pessoas e outras 11 ainda estão desaparecidas. A respeito do número de vítimas fatais, este acontecimento supera o rompimento de Fundão em Bento Rodrigues, ocorrido em novembro de 2015. Entretanto, a magnitude do rompimento da barragem de Fundão destruiu o subdistrito de Bento Rodrigues e se arrastou por cidades do estado de Minas Gerais e do Espírito Santo. O rompimento ocorrido há quase cinco anos é o maior em questões socioambientais por afetar a biodiversidade e mais de 30 cidades mineiras, atingindo agricultores, pescadores, populações tradicionais, ribeirinhas e indígenas.

revelar um tipo de verdade subjetiva, que não está presente em nenhum relatório ou levantamento de informações objetivas. Para isso, a filosofia do testemunho de Jean-Philippe Pierron (2010) é cara. O filósofo explicita que o testemunho firma um selo de confiabilidade e se expressa a partir de uma faceta relacional. Não existe testemunho sem o ouvido do outro, sem a construção de um diálogo. Ao mesmo tempo, o testemunho é frágil:

A testemunha faz da verdade a história de sua vida. Dito de um outro modo, sua história pessoal não é, para o absoluto, um acidente ou um meio, mas pelo contrário o momento de sua autenticação. Haverá portanto rostos diferentes do testemunho, dados pela pluralidade de suas testemunhas. Esta é uma das razões da fragilidade do testemunho. É frágil porque é plural (PIERRON, 2010, p.19).

A filosofia de testemunho também nos informa que o depoimento não se refere apenas a um recorte histórico, mas é, acima de tudo, “um colocar em presença, uma presença no presente (...). A testemunha é construída como uma figura. É mediadora, figura de passagem e de transmissão que faz existir, assim como o símbolo faz pensar” (p. 254). O movimento de colocar em presença também é expresso por Seligmann-Silva (2008) ao refletir sobre os testemunhos dos sobreviventes do *Shoah*. Apoiando-se em Primo Levi (1988), Seligmann-Silva afirma que o testemunho pode ser entendido como uma atividade elementar, que desencadeia no sobrevivente uma necessidade absoluta de narrar. Grande parte desta urgência tem raízes na outridade, estabelecida a partir da criação da identidade de sobrevivente em que, ao mesmo tempo que identifica assim o sujeito que vivenciou um acontecimento traumático, também o separa, de certa forma, do “mundo dos outros”. Assim, o testemunho teria o desafio “de estabelecer uma ponte com 'os outros', de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro” (p. 66). Em complementação a esses entendimentos, a narração da experiência para Beatriz Sarlo (2005) também se relaciona a uma presença do sujeito no passado. A linguagem retira o aspecto mudo da experiência. É relacional ao transformar a experiência em comunicável, retirando o peso do esquecimento: “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo

irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que cada repetição e cada variante torna a se atualizar” (p. 24). O testemunho, portanto, além de um registro subjetivo e histórico, tenta cumprir a função de religamento do sobrevivente, que vive uma temporalidade singular, ao restante do mundo. Na ótica do jornalismo, para Márcia Franz Amaral (2013), os testemunhos devem ser analisados de forma distinta dos depoimentos de fontes oficiais e de especialistas, porque “configuraram-se num tipo de discurso de indivíduos e grupos sociais que viveram situações traumáticas e necessitam de espaços e expressões de escuta” (p.183), sendo, suas análises, imprescindíveis para o resgate da história contemporânea. Deste modo, Amaral afirma que a inserção de depoimentos na narrativa jornalística funciona como um contraponto à narrativa objetiva do fazer tradicional. Ao dar espaço ao subjetivo, o jornalismo, para Amaral, auxilia no cumprimento de um contrato com o leitor. Na exigência de que a informação midiática se aproxime ao máximo do real, há um contraponto com a subjetividade intrínseca ao teor testemunhal, rico em vivências, emoções e singularidades.

2. Para não esquecer: a criação do Jornal *A Sirene*

No limiar de completar cinco anos do rompimento da barragem de Fundão, os sobreviventes enfrentam impasses para o pagamento das indenizações e atrasos na entrega das casas que ainda estão sendo construídas em Lucila, terreno escolhido por atingidas e atingidos para a tentativa de recomeço de vidas. Em um contexto de luta constante, os sobreviventes encontraram no Jornal *A Sirene* a oportunidade de adentrar no cenário de disputa de narrativas. No pós rompimento, as narrativas que predominavam no cenário midiático eram as produzidas pela Samarco e pela grande mídia tradicional. As atingidas e atingidos das localidades mineiras e capixabas não contavam com uma assessoria ou canal de comunicação para reverberação de suas vozes, dores e lutas. Três meses após o rompimento, em fevereiro de 2016, foi lançado o Jornal *A Sirene*, a partir de um acordo entre o coletivo dos atingidos, o Ministério Público de Minas Gerais e a Arquidiocese de Mariana. Batizado em alusão à sirene que nunca tocou em Bento Ro-

drigues³, o Jornal tem periodicidade mensal e é produzido por e para os atingidos. Desde fevereiro de 2016, todo dia cinco de cada mês o periódico é publicado em formato impresso e on-line com o lema “para não esquecer”. Sobreviventes de diferentes localidades atingidas pela lama de rejeitos participam do corpo editorial do Jornal, auxiliando nas decisões das reuniões de pauta, além de produzirem as reportagens e fotografias veiculadas no produto. Desde a fundação, o Jornal atua com o apoio de grupos da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), além do suporte de assessorias direcionadas aos atingidos e do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB). Ao todo, são mais de 70 pessoas mobilizadas na produção e circulação da *Sirene*, sendo o conselho editorial composto por Expedito Lucas da Silva, Genival Pascoal, Letícia Oliveira, Juçara Brittes, Padre Geraldo Martins, Sérgio Fábio do Carmo, Simone Maria da Silva. Como editores-chefes: Genival Pascoal e Sérgio Papagaio, moradores de Bento Rodrigues e Barra Longa, respectivamente. Tem como jornalista responsável o profissional formado pela UFOP, Wigde Arcangelo. As edições são impressas pela Sempre Editora em formato *standard* e, além da circulação física do jornal, há também a veiculação das edições mensais no site oficial do jornal⁴ e no ISSU⁵, plataforma online própria para visualização de arquivos digitais, além de publicação de trechos na página do *Facebook* da *Sirene*⁶.

Realizando um jornalismo independente, o periódico se posiciona no cenário midiático com o objetivo de denunciar, alertar e produzir reportagens acerca do acontecimento traumático e de suas indissociáveis consequências. Ao mesmo tempo, a produção é repleta de potencialidades para os sobreviventes do rompimento. Com maior liberdade para realização das pautas, os atingidos encontram amplo espaço para veiculação de suas lutas, abarcando algo muito caro para quem sobreviveu ao acontecimento: a dimensão da subjetividade. O jornal publica matérias que falam de um tempo singular, vivido nas localidades atingidas, além de memórias, identidades e afetos. É lançando um olhar sobre o universo do sensível, dimensão que este artigo tem o intuito de abor-

³ Bento Rodrigues não possuía um sistema de sirenes para alertar os moradores em caso de rompimento de barragem. Foram os próprios moradores que tiveram que avisar uns aos outros e, em um verdadeiro espírito de comunidade, tiveram que se salvar: '[A Paula foi a sirene que a Samarco não tinha](#)', diz Cristina Serra sobre tragédia em Mariana

⁴ O site do jornal A Sirene pode ser acessado pelo link: <http://jornalasurene.com.br>

⁵ A plataforma está disponível no link: <https://issuu.com/jornalasurene>

⁶ A página oficial do periódico pode ser acessada pelo link: <https://www.facebook.com/JornalSirene/>

dar. Além disso, é realizado um recorte de gênero para entender como as mulheres atingidas pelo rompimento têm seus protagonismos registrados na Sirene. Em 1989, historiadora Michelle Perrot afirmou que “no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues” (p.9). Perrot ensaia que, no contexto mundial, as mulheres dificilmente são vistas como seres singulares e completas, sendo pouco o espaço reservado às suas contribuições. Sobre elas raramente ocorriam verdadeiras pesquisas, apenas a confirmação de um eventual deslocamento para fora das fronteiras reservadas às suas identidades:

As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato [da história], como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal. Nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. Ele envolve o continente perdido das vidas submersas no esquecimento no qual se anula a massa da humanidade. Mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões (PERROT, 2013, p.16).

Quando falamos de mulheres do campo, o peso da invisibilidade é duplamente maior. A realidade das mulheres do campo no Brasil é marcada por muito trabalho e pouco reconhecimento, no qual o trabalho realizado pelas trabalhadoras rurais é visto como “ajuda” ao marido ou à família, mesmo que desempenhem funções iguais ou trabalhem tantas horas por dia quanto os homens da casa. Ao mesmo tempo, as atividades dedicadas às plantações e ao cuidado com os animais são interpretadas como extensão intrínseca às atribuições de mãe e esposa e, muitas vezes, as mulheres do campo recebem pouca ou mesmo nenhuma remuneração pelas atividades executadas (HERRERA, 2016). Marques e Silva (2018) endossam que a presença das mulheres no universo do trabalho do campo é um fato indiscutível, entretanto, estes sujeitos permanecem invisibilizados, mesmo que sejam igualmente responsáveis, como os homens da família, pelas plantações, cuidado com o solo e os animais. As autoras afirmam que políticas públicas neste setor pouco contemplam e resguardam as mulheres do campo: “Esta relação gera injustiça, ignora a sua contribuição econômica na produção agrícola e nega a sua condição de trabalhadora” (p.3). Por este motivo, buscamos entender as narrativas de si produzidas pelas sobreviventes do rompimento no principal canal de comunicação dedica-

do às vozes de atingidas e atingidos: quais são as memórias acionadas, as sensibilidades, as denúncias e as buscas por reparação? É o que buscamos entender a seguir.

3. A presença das vozes das mulheres na Sirene

Dentre as 44 edições do Jornal *A Sirene* publicadas entre os meses de fevereiro de 2016 e novembro de 2019, o *corpus* de análise foi decidido com base na representatividade dos meses em que o periódico foi publicado. Portanto, as edições analisadas foram: edição 0, publicada em fevereiro de 2016, mês que marcou a entrada dos discursos dos sobreviventes do rompimento no cenário de disputa narrativa entre Samarco e a grande mídia tradicional. Posteriormente, foi selecionada a edição número 9, veiculada em novembro de 2016, mês em que se completou um ano desde o rompimento de Fundão. Depois, a edição 20, de novembro de 2017; edição 32, de novembro de 2018 e a edição 43, de novembro de 2019.

Por meio do levantamento das cinco edições analisadas para construção deste artigo, foi feita uma seleção das reportagens em que as mulheres, independentemente da idade e da localidade em que viviam, são autoras dos textos jornalísticos e/ou foram as vozes ouvidas para construção das matérias. É interessante destacar que o jornal adota uma postura diferente da grande mídia tradicional para a produção das reportagens impressas: os textos jornalísticos, em sua maioria, são construídos a partir de testemunhos, sendo comum encontrar a própria voz da autora ou do autor ao longo do texto. Quem assina a matéria da Sirene é, em muitos casos, quem também está tendo sua voz ouvida. Assim, o testemunho é adotado como recurso narrativo, sendo a grande parte dos textos escritos em primeira pessoa. Nas edições escolhidas para análise, foi possível identificar três eixos temáticos: reportagens com alto teor memorialístico e/ou nostálgico; reportagens de cunho denunciativo e reportagens que evocam temáticas religiosas, espirituais e de fé. Dentro deste recorte, foram identificadas nove reportagens de teor memorialístico/nostálgico; 11 reportagens com objetivo de denunciar o descaso da mineradora Samarco; e três reportagens de cunho religioso e/ou espiritual. A seguir, comento os acionamentos memorialísticos observados em cada eixo temático.

4. A memória das mulheres é verbo

Na edição 0⁷ de fevereiro de 2016, foram publicadas duas reportagens memorialísticas/nostálgicas e uma de cunho denunciativo, no qual as mulheres atingidas foram autoras das produções. A reportagem “E se fosse com você?” é uma conversa transcrita entre as atingidas Maria do Paracatu e Marinalva do Bento, dos distritos de Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues, respectivamente. As sobreviventes conversam sobre o período de transição logo após o rompimento da barragem, no qual os atingidos viveram, por alguns meses, em hotéis da cidade de Mariana e, pouco a pouco, foram realocados em casas alugadas pela Samarco. Maria e Marinalva também destacam os preconceitos vividos na cidade de Mariana: conhecida como Primaz de Minas, 85% da arrecadação do município advém da mineração⁸. Após o rompimento, as atividades da Samarco foram paralisadas pelo Ministério Público de Minas Gerais, que exigiu uma série de medidas necessárias para a volta das operações da mineradora nas minas e barragens da região. Ao longo das décadas, diversos erros de administração pública foram cometidos pelo governo municipal, que privilegia as mineradoras na localidade, e diante das narrativas veiculadas pela Samarco, muitos moradores de Mariana entendiam que os responsáveis pela paralisação das atividades da mineradora e, conseqüentemente, pelo alto desemprego na região, eram os atingidos pela barragem, que lutavam por reconhecimento de direitos e reparações:

Aqui na rua, ninguém teve preconceito não, todo mundo trata a gente bem, né, Dona Maria? O preconceito vem de quem não conhece e não quer conhecer nem a gente, nem nossos problemas. Dizer que somos vagabundos porque estamos brigando e conquistando direitos e recebendo a solidariedade - que é da maioria - é desconhecer o que somos e o que temos passado. Só quero o que é meu por direito. Não quero mais nada além disso. (A SIRENE, Fevereiro/2016, p.2)

A conversa entre as moradoras de Paracatu de Baixo e Bento Rodrigues também evoca a dimensão da perda das casas, roupas, documentos, objetos, plantações e ani-

⁷ A publicação está disponível em: [Jornal A Sirene - Ed. 0 \(fevereiro\) by Jornal A Sirene](#)

⁸ Em reportagem produzida pelo jornal Estado de S. Paulo, são evidenciados as situações delicadas, no âmbito econômico, que a cidade de Mariana vive desde o rompimento: [Mariana agora vive temor do colapso econômico](#)

mais, além do trauma de fugir da lama: "Os netos da gente, os pais da gente, todo mundo tendo que correr da lama lá no Bento, isso só a gente passou" (p. 2).

Na mesma edição, de fevereiro de 2016, encontramos uma reportagem de cunho denunciativo voltada, exclusivamente, para o assédio da grande mídia tradicional aos sobreviventes do rompimento, inconveniência ocorrida principalmente nos dias seguintes ao acontecimento. A reportagem é construída, unicamente, com o uso de testemunhos entre aspas, que dão conta da falta de responsabilidade social e de empatia, e do desrespeito por parte de repórteres com as vítimas do acontecimento: "Às vezes, pedem para fazer uma cara triste para as fotos e aproveitam quando choramos" (p. 8). A reportagem tem autoria de três atingidas: Maria das Graças dos Santos, Mônica dos Santos e Simária Quintão, moradoras de Bento Rodrigues e Barra Longa.

5. Nostalgia e afetos no tempo vivido no campo

Foi possível identificar as principais temáticas abordadas em cada eixo utilizado para separação das reportagens acima mencionadas. Nas matérias de teor memorialístico e afetivo, o tempo passado, principalmente, é a temporalidade mais evocada pelos sobreviventes: a relação entre vizinhos, familiares e amigos, tão singular e característica de localidades do interior no qual os afetos são tecidos e arrematados entre muros, ruas e praças dos distritos, nos encontros nas casas de amigos, parentes, e nas festividades nas igrejas; a relação dos sobreviventes com as plantações e as criações de animais; na passagem do tempo, que pede calma a quem já não tinha tanta pressa para viver; nas casas e terrenos passados por gerações e construídos para abrigar toda a família; na relação com os rios, pássaros, flores e animais silvestres. Um exemplo da construção afetiva fortemente relacionada ao tempo vivido na localidade é a reportagem "Um ano sem lá fora", publicada na edição 8⁹, de novembro de 2016. O texto é de autoria de Angélica Peixoto, professora da Escola Municipal de Paracatu de Baixo, localidade também afetada pela lama de rejeitos tóxicos da barragem de Fundão. Angélica retrata o estilo de vida do interior, a rotina no distrito mineiro, as memórias do ritmo de vida e a estreita ligação dos moradores com seus quintais:

⁹ A edição pode ser acessada no link: https://issuu.com/jornalasilrene/docs/asirene_ed9_novembro_issu

Cada casa, por menor que fosse seu espaço, tinha flores, uma horta, uma árvore, um pezinho de fruta, ou apenas um limoeiro. O 'lá fora' faz muita falta! Para amenizar a ausência da natureza, aprendemos a fazer horta vertical em recipiente descartável. Não me saí muito bem. Plantei uma mudinha de alface. Coitada. Morreu (A SIRENE, 2016, p.3)

O sentimento de nostalgia é presença constante nos testemunhos que constroem as reportagens da *Sirene* e, também, nas propostas de angulações adotadas pelo periódico. Nas produções analisadas, no qual o intuito é entender como se dá a estruturação das vozes das mulheres na *Sirene*, as reportagens de cunho memorialístico apresentam, consequentemente, alto teor nostálgico. O tempo vivido nas localidades atingidas é constantemente evidenciado e o sentimento de nostalgia acompanha os testemunhos, as falas de reconstituições, as comparações entre tempo passado e tempo presente e, também, as projeções para o futuro, sempre em comparação com o que um dia foi vivido nos distritos atingidos. O termo nostalgia foi cunhado pelo médico suíço Johannes Hofer em 1688. De etimologia grega, *nostos* se refere a um voltar para casa; e *algos* a sofrimento. Ou seja, é um sentimento nunca realizado de volta para casa, sendo a casa um ambiente de construção e fortalecimento de afetos múltiplos. Àquela época, Hofer catalogou os sintomas de quem sofria de nostalgia: falta de apetite, febre, insônia, suspiros frequentes, palpitações do coração e perda de força física, e o principal deles, a imensa dificuldade de concentrar em qualquer coisa que não seja a lembrança de si (NATALI, 2006). A nostalgia foi, por muito tempo, considerada uma doença psíquica perigosa, passível de tratamento e cura, mas, em alguns casos, fatal. Os entendimentos no campo científico a respeito do sentimento foram evoluindo, desenhando um percurso consolidado como uma doença da memória, entre os séculos XVIII e XIX. Os estudos de Johann Scheuchzer, no século XVIII, contribuíram para um entendimento mais amplo da nostalgia. Para o estudioso, a nostalgia acontecia devido a uma diferença na pressão atmosférica tendo, como fruto, sintomas como alterações na pressão corporal, causando um sentimento de angústia. O tratamento indicado era o retorno do paciente à localidade de origem e, se o retorno não fosse possível, era indicado que o doente fosse induzido a acreditar que um dia retornaria à sua terra natal (FERREIRA, 2018).

Mesmo com possibilidades de afetações na saúde mental, a nostalgia, atualmente, não é mais considerada uma doença psíquica e, sim, um sentimento comum quando memórias são evocadas, associadas a um tempo passado que, para quem sente nostalgia, foi melhor de ser vivido do que a temporalidade atual. A partir das análises dos testemunhos, é interessante notar que o caráter de nostalgia, além do alto teor memorialístico, está presente, também, nos testemunhos de quem não necessariamente era morador de Bento Rodrigues, mas tinha a localidade como referência identitária. Na edição 8, de novembro de 2016, a matéria “Afetados pela lama” nos mostra o impacto nas memórias e nas relações afetivas de quem não morava em Bento mas, ao visitar parentes no subdistrito, compartilha memórias da infância, férias, aniversários e outras datas afetivas. A reportagem foi redigida por Stéphane Pires, que costumava visitar a avó, Clarice Carvalho, em Bento. Em seu testemunho, é possível notar as ligações identitárias com o local, uma espécie de referência familiar da mãe, da avó e do avô. Stéphane não chegou a conhecer o avô mas, de certa forma, o familiar estava sempre presente na casa da família “Tudo o que havia lá trazia um pouco da memória dele: o sítio onde trabalhava, a igreja, e tudo isso fazia com que eu sentisse uma ligação” (A SIRENE, p.10).

6. Religiosidade e fé

O teor de religiosidade pode ser notado na mesma edição de novembro de 2016, na matéria “Nossa Senhora Aparecida Rogai por Nós”. Na reportagem, três moradoras de três localidades distintas, também afetadas pela lama, testemunham a relação das comunidades com as festas religiosas e como, de certo modo, a espiritualidade as auxilia no passar dos dias. A reportagem é dividida em três seções, no qual, em cada parte, é reservado um espaço para uma moradora relatar como foi a primeira festa religiosa nos distritos após o rompimento. Luzia Queiroz fica responsável por relatar a festa em Paracatu de Baixo; Mônica Santos sobre a festividade em Bento Rodrigues; e Elizabeth Sena sobre Ponte do Gama. A partir dos testemunhos, são acionadas memórias a respeito da primeira festa após o acontecimento, tendo a fé como um impulsionamento para os dias que se seguiram:

De repente, me pego olhando perdidamente para tudo que vejo ao meu redor. Na minha mente, imagens se revezam en-

tre lembranças de como ficou após a tragédia e imagens de como tudo está atualmente. Vejo as pessoas da Comunidade apressadas para enfeitar o local e sinto o coração ao mesmo tempo apertado e feliz. Agradeço a Deus e à Nossa Senhora Aparecida pela dádiva de poder estar ali naquele momento, e sinto a alegria da Comunidade. Sei que, assim como eu, muitos deles têm essa mesma sensação, é como se tivéssemos vencido o medo e encontrado, no poder de Deus, a força para irmos em frente. É só a primeira vitória, mas muitas outras virão, com fé em Deus e a força da Comunidade (A SIRENE, 2016, p.26)

A matéria "Sem a fé, o que seria de nós", reforça, na 20ª edição de novembro de 2017, a religiosidade como força e esperança, como haste que sustenta os atingidos diante do trauma e de tantas perdas. A reportagem é estruturada a partir de um compilado de testemunhos, que nos proporcionam o entendimento que as festas religiosas, hoje, se distinguem bastante das celebrações organizadas em um tempo em que a lama de rejeitos não havia tomado o lugar de Bento Rodrigues. Como se não houvesse outra forma de acontecer, atualmente, as festividades ganharam novo significado:

No dia de Nossa Senhora das Graças, inclusive esse ano fui a rainha da bandeira, fizemos um apelo tão forte para que tudo se desenrolasse tranquilamente, que tudo fosse da vontade de Deus. As festas a gente faz com tristeza e um misto de alegria, que nada tem a ver com os rituais antigos. A tristeza maior é quando fizemos a preparação e não podemos seguir os mesmos moldes de antes. Não tem mais as mesmas características e também é triste quando acaba e temos que voltar, entrar no ônibus. Hoje, a gente tem que programar, pedir licença, só falta pedir ofício para Deus, mas a gente vai vivendo, tentando resgatar (JORNAL A SIRENE, 2017, p.10).

A partir da identificação das três chaves memorialísticas acionadas pelos testemunhos das mulheres na *Sirene*, entendemos que a religiosidade, antes diretamente relacionada a uma identidade espiritual das comunidades atingidas, passou por um movimento de ressignificação. A fé, a igreja, as missas e as demais festividades religiosas, sempre atreladas à rotina de uma localidade de interior, hoje, ganharam uma nova tônica e responsabilidade, essencial para suportar os dias que se seguem desde o rompimento de Fundão.

7. Considerações finais

O Jornal *A Sirene* se posiciona no cenário midiático como canal de comunicação oficial dos atingidos pela barragem de Fundão. Como para sua existência e atuação não é necessária vinculação empresarial e/ou política, os sujeitos que constroem as matérias encontram livre espaço para cobranças e denúncias, de qualquer âmbito, e, principalmente, um ambiente cativo para reverberação do relativo aos sentimentos, dores e subjetividades. Ao adotarem como decisão editorial o uso da primeira pessoa em muitas das matérias, é exibida aos leitores a preocupação do periódico com a livre expressão dos sobreviventes ao rompimento. O mergulho nos acionamentos memoriais por meio dos testemunhos (narrativas denunciativas, memorialísticas/nostálgicas/afetivas e religiosas), nos apresentam profundas camadas de um mesmo acontecimento que fazem parte do cotidiano dos atingidos.

O acontecimento traumático é desorganizador, desestabilizador, repleto de singularidades (AMARAL, 2013) e força os indivíduos sobreviventes a repensarem a dinâmica do cotidiano. Uma rotina que, antes, não se relacionava com narrativas traumáticas e de cunho denunciativo, hoje, está inserida de forma profunda em questões de luta para quem precisa requerer o que é de direito. Hoje, mulheres e homens que estavam inseridos em um cotidiano em que a passagem do tempo era tão característico das temporalidades das localidades do interior do país, desde 2015 precisam participar de reuniões, audiências, se relacionar com advogados e até entender de questões do universo judicial para denunciar e batalhar por direitos. Assim, as lembranças de um tempo em Bento têm um novo significado. Servem como ancoragem para resistir às indissociáveis consequências do rompimento e, também, com referências identitárias. A fé e as festas religiosas ganharam um novo significado diante da necessidade de alimentarem a esperança de que, um dia, a justiça será feita, as reparações pagas, casas entregues e, quem sabe, traumas amenizados.

É impossível analisar os testemunhos das mulheres sem falar sobre o trabalho jornalístico proposto pela *Sirene*, que se posiciona com o objetivo de desenvolver articulações necessárias para que o acontecimento ganhe sentido distinto daquele que predomina na grande mídia tradicional. Ao fazer uso dos testemunhos nas construções das reportagens, ao dar espaço ao subjetivo, ao incentivar a atuação dos atingidos no corpo editorial do periódico e, também, de seus posicionamentos como fontes das reportagens,

o periódico trilha um caminho sublime no sentido da guinada subjetiva (SERELLE, 2009). Assim, ao defender um jornalismo feito por e para os atingidos, o periódico reforça o movimento de recuperação das narrativas do eu, demonstrando que, quando há a adoção dos testemunhos e de vozes em primeira pessoa para a construção das reportagens, há o reforço do compromisso social do jornalismo. Mesmo com as intensas mudanças na realidade das redações do país, a objetividade deve ser questionada e os recursos narrativos de exploração da dor também. O testemunhos nos revelam camadas de complexidades de um mesmo acontecimento que só poderiam ser reveladas a partir da escuta do outro e da entrega do devido espaço para que essas vozes pudessem ser reverberadas. A leitura dos testemunhos das mulheres sobreviventes ao rompimento nos dá acesso a um tipo de verdade intensa, dolorosa, pungente, diferente do efeito de verdade buscado pelo jornalismo tradicional; e que, ao mesmo tempo, nos demonstra que, talvez, não exista reparações para o trauma de quem viu a casa e a localidade em que se nasceu, serem destruídas pela lama de rejeitos tóxicos. Essa leitura também nos provoca algumas reflexões para os campos do exercício do jornalismo e da pesquisa em Comunicação, que só reforçam a urgência do trabalho dos jornalismo independentes: haveria algum veículo da mídia tradicional que disponibilizaria espaço para comunicação do subjetivo? A mídia tradicional se interessa em ser combativa?

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Bárbara; WINOGRAD, Monah. **Nostalgia de si: melancolia e adoecimento neurológico**. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 354-364, Dec. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982018000300354&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 de jun. de 2020.

AMARAL, Márcia Franz. **A representação dos testemunhos no discurso das catástrofes ambientais: de sujeitos sociais a sujeitos discursivos**. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2013.153.04>. Acesso em: 13 de junho de 2020.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In: _____. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984, p.131-136.

HERRERA, Karolyna. **Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2016v15nesp1p208>. Acesso em: 19 de junho de 2020

PERROT, M. **Práticas da memória feminina**. In: A mulher e o espaço público. Revista brasileira de História. (M.S.M. Bresciani, org.) n 18. Marco Zero/ANPUH, 1989.

PIERRON, Jean Philippe. **Transmissão: uma filosofia do testemunho**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SERELLE, Márcio. **Jornalismo e guinada subjetiva**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 33-44, nov. 2009. ISSN 1984-6924. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n2p33>>. Acesso em: 10 de jun. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. *Psicol. clin.* [online]. 2008, vol.20, n.1, pp.65-82. ISSN 1980-5438. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010356652008000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 de maio de 2020.